



DIOGO PAIVA BRANDÃO



“CARIDADE É EXPERIÊNCIA VIVA DE CRISTO”

No Congresso Diocesano da Pastoral Sócio-Caritativa, em Torres Vedras, o Cardeal-Patriarca de Lisboa reafirmou a opção pelos mais pobres como prioridade da ação da Igreja. Na Missa conclusiva, D. Manuel Clemente propôs “fazer destes dois anos, até à JMJ Lisboa 2023, um grande exercício de misericórdia”. **pág.02**

Destaque

Capela de Santa Eulália, em Santo Estêvão das Galés, foi restaurada
pág.05

Cáritas de Lisboa: Servindo por Amor
pág.08

Papa explica três dificuldades que se enfrentam na oração
pág.09

Cardeal-Patriarca convida famílias

O Cardeal-Patriarca convidou os casais e famílias do Patriarcado de Lisboa para a Festa da Família 2021, que vai decorrer no próximo Domingo, 30 de maio, nas paróquias e online, no canal YouTube da Pastoral da Família. “Aproxima-se o dia da nossa festa. Nas vossas paróquias, podeis participar presencialmente na Santa Missa e, conforme combinardes com os vossos párocos, comemorar especialmente as bodas matrimoniais mais marcantes, que Deus abundantemente abençoa. À tarde, podereis acompanhar ‘online’ o encontro que se realizará em Óbidos, com a minha presença também”, recordou D. Manuel Clemente, explicando depois como irá decorrer o encontro pela internet. “Este ano versaremos o capítulo VII da exortação Amoris Laetitia, do Papa Francisco, dedicado a ‘Reforçar a educação dos filhos’, com reflexões e indicações de grande oportunidade para a vida familiar no seu conjunto. Não percamos a oportunidade de aprender e progredir uns com os outros, no grande desígnio da transmissão da vida e da fé. Importa a cada família e a todos nós como ‘família de Deus’ (Ef 2, 19). Conto convosco”, desafiou o Cardeal-Patriarca.

Informações: <http://familia.patriarcado-lisboa.pt>

Entrevista

“IGREJA RECONHECE OFICIALMENTE O VALOR DOS CATEQUISTAS”

O padre Tiago Neto, diretor do Sector da Catequese de Lisboa, explica a carta apostólica que institui o ministério do catequista e os passos futuros para a sua concretização.

pág.06



P. Manuel Barbosa, scj
7 tempos *Laudato si'*

José Luís Nunes Martins
Como fazer um caminho a dois

Opinião
pág.04

P. Nuno Rosário Fernandes
Temos sempre razão?

Editorial
pág.12

Congresso Diocesano da Pastoral Sócio-Caritativa

CARDEAL-PATRIARCA APELA A “SIMBIOSE TOTAL” ENTRE PALAVRA, ORAÇÃO E CARIDADE

“A qualidade cristã numa comunidade mede-se pela sua sensibilidade aos vários tipos de pobreza e pela resposta que concretamente lhes dê”, definiu o Cardeal-Patriarca de Lisboa, no Congresso Diocesano da Pastoral Sócio-Caritativa, que decorreu a 15 de maio. No Centro Pastoral de Torres Vedras foi também apresentado um ‘retrato’ deste sector e alguns exemplos daquela que tem sido a ação da Igreja em diferentes periferias.

texto por Filipe Teixeira, com Agência Ecclesia; fotos por Diogo Paiva Brandão e José Neves



Na conferência de encerramento do Congresso Diocesano da Pastoral Sócio-Caritativa, o Cardeal-Patriarca de Lisboa reafirmou a opção pelos mais pobres como prioridade da ação da Igreja, enunciando três pontos que resultaram da reflexão sinodal na diocese: “Não há mudança social sem uma formação que ultrapasse, mental e praticamente, situações de carência grave e persistente; a qualidade cristã numa comunidade mede-se pela sua sensibilidade aos vários tipos de pobreza e pela resposta que concretamente lhes dê; e é preciso estar atento à reorganização social que a mobilidade populacional acarreta”. “Sem a devida atenção a cada um destes pontos, não encontraremos a resposta certa aos desafios sócio-caritativos que enfrentamos”, alertou D. Manuel Clemente, propondo a continuidade das Jornadas Vicariais da Caridade. “Será uma sinodalidade caritativa em que todos crescerão, de facto”, argumentou.

Nesta iniciativa que assinalou o culminar de dois anos pastorais que tiveram como

tema ‘Sair com Cristo ao encontro de todas as periferias’ (CSL 53), o Cardeal-Patriarca pediu às “famílias” e às “comunidades cristãs” uma “simbiose total entre a palavra ouvida, a oração filial e fraterna e a caridade realizada”. “Temos sempre de progredir neste rumo, não separando uma dimensão das outras. Trata-se, afinal, de ampliar em Igreja, e reforçar em Cristo, o que já sabemos das relações humanas, que não se realizam sem escuta mútua, sem entajada espiritual e sem resposta concreta às necessidades do outro”, prosseguiu.

Nesta intervenção que teve como tema ‘As periferias como lugar privilegiado da presença da Igreja’, D. Manuel Clemente destacou ainda o papel das comunidades e instituições nas “respostas às necessidades acrescidas da população” durante a pandemia, mas alertou para que esta ação caritativa não seja diminuída. “A pandemia vai passar, como sempre acontece – e tanto mais depressa quanto mais cautelosos e solidários formos –, mas esta ação redo-

brada não pode atenuar-se, não só porque muitas necessidades permanecem e muitas periferias subsistem, mas também porque só assim seremos, para nós e para os outros, sinal eloquente e experiência viva de Cristo no mundo”, sublinhou.

Em rede

Na primeira conferência deste congresso, o Bispo Auxiliar de Lisboa D. Américo Aguiar apelou a respostas sociais em rede e rejeitou “concorrência” entre instituições paroquiais. “Temos de ter consciência que o ‘orgulhosamente sós’ não nos leva a lado nenhum. Se a paróquia ao lado tem a valência X, eu não devo ter, ou podemos partilhá-la. Devemos ser capazes de, no território, espalhar valências para que as necessidades do terreno se cumpram e não os objetivos da direção da instituição”, afirmou o prelado que acompanha a Pastoral Sócio-Caritativa no Patriarcado. Na conferência ‘Quem somos e o que fazemos’, D. Américo Aguiar traçou os atores e as ações da pastoral caritativa na

diocese. “Das 285 paróquias, muitas têm ação caritativa organizada, centros sociais. Recebemos respostas de ‘não temos’, mas isso não é verdade, e se fosse, seria grave. Mas não é uma fotografia verdadeira e justa para o que acontece no Patriarcado”, reconheceu.

“Saber dizer os números”

Na sua intervenção no Centro Pastoral de Torres Vedras, D. Américo Aguiar lamentou a “falta de oxigénio” das instituições para enfrentar as despesas, em áreas “não mediáticas” como o acompanhamento dos idosos, “em higiene, em cuidado”. “Ao olhar para o futuro, haverá muita necessidade de responder ao estado de vida dos irmãos e irmãs. Fiquei perplexo ao saber que a nossa resposta a esta franja anda à volta dos 6%. Há muita procura e necessidade. O número de respostas é muito reduzido. Quando abraçamos estas oportunidades de construir edifícios e aumentar valências, porque ‘sim’, temos de ter consciência que não o podemos fazer, por muita que seja a pressão dos ciclos eleitorais autárquicos”, avisou. “Temos cerca de 15 mil profissionais nesta área da pastoral sócio-caritativa: o que significa de emprego, de encargos das instituições para responderem às expectativas dos trabalhadores, à dignidade e retribuição do trabalho”, afirmou. “Precisamos de saber o valor dos encargos totais. A Igreja faz caridade, mas temos de saber dizer os números dos encargos que não são cobertos pelo apoio do Estado e que as instituições têm de inventar para os cobrir. Temos de saber o terreno que pisamos. Precisamos olhar com naturalidade a partilha da informação”, acrescentou o Bispo Auxiliar de Lisboa.

Periferias

No início da tarde, o painel ‘A Igreja no centro das periferias’, moderado por Raquel Abecasis, apresentou o trabalho sócio-caritativo de algumas pastorais diocesanas. Manuela Mendonça, da Pastoral



O Congresso Diocesano da Pastoral Sócio-Caritativa foi transmitido, em direto, através do site e redes sociais (YouTube e Facebook) do Patriarcado de Lisboa



‘A Igreja no centro das periferias’ foi o tema do painel que apresentou o trabalho desenvolvido pelas pastorais da Deficiência, dos Ciganos, das Prisões e da Mobilidade

dos Ciganos do Patriarcado de Lisboa, afirmou que, este trabalho, que começou nos anos 70, tem aberto “caminhos”, mas dá conta de “autoestradas” que necessitam ser percorridas. Os objetivos deste serviço pretendem ir ao encontro de todos, “valorizar todos”, para serem “respeitados como pessoas, porque todos somos portugueses”. A aposta é na “relação pessoa a pessoa”, procurando fazer, com a comunidade cigana, “um encontro com os valores evangélicos”.

Por sua vez, Carmo Diniz, do Serviço Pastoral a Pessoas com Deficiência, e que, mais tarde, também deu a conhecer o trabalho de preparação da JMJ Lisboa 2023, frisou que a integração e a acessibilidade ultrapassa a existência de rampas [de acesso aos locais de culto ou outros], pois quando se fala de “pessoa com deficiência” deve-se entender uma variedade de diferenças: “Pode ser um filho que nasceu com limitação motora; pode ser um irmão que não consegue ouvir e por isso tem dificuldade em comunicar; um amigo que foi abandonado e que alguém não acreditou no seu potencial; uma mãe que cuidou e perdeu a sua capacidade de cuidar”.

Luís Palha, da Pastoral da Mobilida-

de e da Plataforma de Apoio aos Refugiados (PAR), afirmou que o apelo do Papa Francisco a que cada comunidade acolhesse uma família de refugiados foi fortemente aceite em Portugal, mas que este acolhimento é mais do que uma “assistência técnica”. A PAR apela a uma ajuda pessoal, de amizade, ao refugiado para aprender português, a olhar a cultura portuguesa, a valorizar o acolhimento, e a “um conhecimento das instituições anfitriãs”, para colaborações.

O padre José Luís Costa, coordenador diocesano da Pastoral Penitenciária, traçou um quadro da realidade prisional, mencionando 4.524 reclusos na diocese, num total de 11.412 reclusos a nível nacional; de 50 estabelecimentos em Portugal, 12 estão no território da diocese, dez deles com “complexidade elevada”. O sacerdote lamentou que os cidadãos “não tenham proximidade com os estabelecimentos prisionais”, apesar de estes estarem próximos da sua realidade. “Havia sempre um capelão fixo, hoje temos 10 padres – nenhum deles a tempo inteiro –, a colaboração de quatro diáconos e 160 voluntários, mas acredito que sejam mais”, afirmou.



“FAZER DESTES DOIS ANOS, ATÉ À JMJ, UM GRANDE EXERCÍCIO DE MISERICÓRDIA”

Na Missa que concluiu o Congresso Diocesano da Pastoral Sócio-Caritativa, o Cardeal-Patriarca definiu o objetivo para a caminhada da diocese até ao verão de 2023 – data de realização da Jornada Mundial da Juventude (JMJ). “Vamos fazer destes dois anos, até à jornada – e já só faltam 27 meses, o que quer dizer: é depois de amanhã –, um grande exercício de misericórdia! E, depois, quando a jornada se desmontar, fica montada, ali mesmo, onde nunca passará: no coração daqueles que a viverem, de verdade”, apontou D. Manuel Clemente, na homilia da celebração que decorreu no Centro Pastoral de Torres Vedras.

Ainda sobre o caminho de preparação até à JMJ Lisboa 2023, o Cardeal-Patriarca de Lisboa pediu “uma atenção muito especial àqueles em quem Cristo se fixou e nos fixa também”. “Aí sim, aí podemos ter o coração para que a jornada não seja um festival, mas uma ascensão. E para que, com todas essas atividades, nós crescamos com Jesus e ao modo de Jesus, e no Espírito de Jesus para o coração do Pai – o único lugar onde nos podemos encontrar todos”, salientou.



No período da manhã, foram apresentadas quatro experiências vicariais que apoiaram a resposta às consequências da pandemia, nomeadamente da paróquia de Cascais, da Cáritas Paroquial de Famões, da paróquia da Lourinhã e da paróquia de São Mamede.

“O GRANDE LEGADO DO CRISTIANISMO É A CONCEÇÃO DA PESSOA HUMANA”

Na conferência ‘Caridade e profecia: uma reflexão para o presente’, D. José Tolentino de Mendonça sublinhou o valor e a atualidade incontornável da Doutrina Social da Igreja, desde Leão XIII até aos dias de hoje. “Aquilo que está na chave, como motor da Doutrina Social da Igreja, seja no final do século XIX, em que houve uma mudança epocal, seja nesta nova mudança de época em que vivemos – porque também nós estamos no olho do furacão –, o que está no centro é o legado do cristianismo à humanidade, ou seja, é a conceção da pessoa humana”, referiu o cardeal português, na intervenção online no Congresso Diocesano da Pastoral Sócio-Caritativa. “Esta conceção nasce com o cristianismo. Nasce do impacto da pregação de Jesus, da sua mensagem e do aprofundamento que as primeiras gerações de cristãos, de teólogos, de pensadores fazem acerca do significado da pessoa humana”, acrescentou.

O bibliotecário e arquivista da Santa Sé refletiu como a Igreja, com a sua doutrina social, “ganhou um direito de cidadania” e que “cada geração deve renovar permanentemente o percurso deste cristianismo social”. Por isso, a Doutrina Social da Igreja “não é um mero apêndice, mas está no coração da própria Igreja”, sublinhou. D. Tolentino recordou como os diferentes Papas, desde Leão XIII, têm estimulado a Igreja. “Basta pensar que o Papa Francisco já escreveu duas encíclicas sociais” (Laudato sí’ e Fratelli tutti) e, como existe “um grande chamamento à mobilização social, não podemos ver a pastoral sócio-caritativa como um departamento apenas, mas como uma corrente, um sopro transversal, uma responsabilidade de todos, um domínio da pastoral que percorre todas as áreas”. “Sem este compromisso, sem esta resposta, o cristianismo corre o risco de ficar desencarnado e teórico”, alertou.

texto por Renascença





P. Manuel Barbosa, sej
7 tempos *Laudato si'*



A 24 de maio celebramos seis anos da publicação da encíclica *Laudato si'*. Quis o Papa Francisco que celebrássemos, de maio de 2020 a maio de 2021, um ano especial de quinto aniversário. Em atenção ao cuidado da casa comum e dos pobres, “este ano deveria levar a planos operacionais de longo prazo, para chegar a uma ecologia integral nas famílias, paróquias, dioceses, ordens religiosas, escolas, universidades, cuidados da saúde, empresas, fazendas agrícolas e muitas outras áreas”.

O que fizemos nos nossos ambientes e organismos, famílias e comunidades? Como celebrámos este ano especial? Como vamos continuar a concretizar os seus dinamismos?

Do muito que se disse, retenho sete tempos, à luz da mensagem do Papa para o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação (1 de setembro de 2020) e do encontro com as comunidades *Laudato si'* doze dias depois.

1. Recordar. O Jubileu é um tempo de graça para recordar a vocação primordial da criação: ser e prosperar como comunidade de amor. Devemos lembrar constantemente que “tudo está inter-relacionado e o cuidado autêntico da

nossa própria vida e das nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade aos outros” (LS 70).

2. Regressar. O jubileu é um tempo para arrepende-se e sarar relações danificadas, regressar a Deus, nosso criador amoroso, e pensar novamente nos outros, especialmente os pobres e os mais vulneráveis, voltar a ouvir a terra e a voz da criação.

3. Repousar. O jubileu é um tempo para descansar dos trabalhos habituais, deixar a terra regenerar-se e o mundo reentrar na ordem, redescobrir estilos de vida mais simples e sustentáveis e desenvolver novas maneiras de viver. “A pandemia levou-nos a uma encruzilhada. Devemos aproveitar este momento decisivo para acabar com atividades e objetivos supérfluos e destrutivos, e cultivar valores, vínculos e projetos criadores. Devemos examinar os nossos hábitos no uso da energia, no consumo, nos transportes e na alimentação”.

4. Restaurar. O jubileu é um tempo para “restaurar a harmonia primordial da criação e curar relações humanas comprometidas”, para restaurar a terra e reparar segundo a justiça, garantindo o

bem comum e alcançando os objetivos sociais e ambientais globais, para promover a solidariedade entre as gerações.

5. Rejubilizar. O jubileu é um acontecimento festivo de júbilo sob a ação do Espírito Santo. “É uma alegria ver tantos jovens e comunidades na linha da frente para dar resposta à crise ecológica. Apela por um Jubileu da Terra e um novo começo, cientes de que «as coisas podem mudar» (LS 13)”.

6. Contemplar. O Jubileu é um tempo para contemplar, contrariando a realidade que consome e perde raízes, que nos devora e escraviza. Assim nos provoca o Papa Francisco: “Contemplar é dar tempo para fazer silêncio para rezar, a fim de que a alma volte novamente a estar em harmonia: o equilíbrio está entre a cabeça, coração e mãos; entre pensamento, sentimento e ação. A contemplação é o

antídoto para as escolhas apressadas, superficiais e inconcludentes”. Quem contempla descobre a preciosa ternura do olhar de Deus, não fica sentado de braços cruzados e dedica-se com afinho à contemplação que leva à ação.

7. Compadecer-se. O Jubileu é um tempo da compaixão pelos outros, “a melhor vacina contra a epidemia da indiferença”. A compaixão exige a escolha radical de não ter inimigos, vendo em todos um irmão próximo, cria uma nova ligação com o outro, sem sentimentalismos nem pietismos, faz lutar constantemente contra o descarte dos outros e o desperdício das coisas.

Estes tempos jubilares, para concretizar em intensidade criativa, não nos deixam como espetadores passivos e estagnados, mas como protagonistas humildes e empenhados na construção de ecologia integral e no cuidado da nossa casa comum.



José Luís Nunes Martins

Como fazer um caminho a dois



Nenhuma pessoa é feita para si mesma. Precisamos uns dos outros e o amor, que é maior e vale mais do que a própria vida, deve fazer parte da nossa existência, se quisermos chegar a viver de forma plena.

Mais do que depressa ou devagar, importa que, quando caminhemos em conjunto com outra pessoa, nos empenhemos em que esse tempo seja belo e intenso. Nunca é algo que acontece sem qualquer esforço, depende sempre da conjugação das vontades.

A existência não tem dois lados, não há um lado bom e um lado mau, porque tudo é vida. Tudo pode ser partilhado. Até a vida inteira.

Fazer um caminho a dois é duro, porque implica que eu tenha de lutar contra a minha inclinação egoísta e interesseira.

Importa que eu seja capaz de me afastar de mim mesmo, que olhe e escute o outro e o que nos rodeia. Respeitando o outro, porque se me aproximar demais do outro acabarei por destruir a sua autenticidade, por anular a minha identidade através dessa fome de fusão que a despreza.

Que haja sempre espaço e tempo para cada um. Que o caminho seja bem largo. Que ambos saibam que quase nunca andarão lado a lado, o passo é diferente, os momentos são desiguais e, por isso, umas vezes tens de ser tu a puxar o outro e, outras, terás de aceitar a ajuda dele seguindo-o, alguns passos atrás. Estas distâncias fazem parte da proximidade perfeita.

A tristeza de um toca o outro, mas o princípio da alegria dá-se quando um

dos dois encontra coragem para puxar pelos dois, muitas vezes a partir do nada. Não, não é equilibrado, no final da vida um terá puxado muito mais, porque sim, porque a vida não é justa, e porque... afinal, o que é melhor? Ter coragem para encontrar forças onde não existem, dar o que se tem, mesmo quando é apenas uma vontade ou viver em constante desassossego e necessidade? Preferes dar pouco ou precisar muito de receber? Importa aceitar que de nada vale fazer uma contabilidade sobre o que fiz eu e sobre o que fez o outro... viver a dois já é muito difícil, pelo que a existência de conflitos desnecessários pode acabar por ser um fator decisivo de frustração... a dobrar.

Que eu saiba servir. Que eu saiba levar o outro pelo caminho por onde chegará ao melhor de si. Que eu aceite a minha fragilidade, mesmo quando me parece que estou melhor sem ninguém por perto. A dois, nunca haverá garantias de felicidade... mas se nos comprometermos, pelo menos é certo que nos aperfeiçoar-

remos, cada um a si mesmo.

Que não chegues ao fim da vida antes que tenhas amado o que podes e deves.

Que chegues perto da morte e lhes possas dizer: a minha vida valeu a pena.

Não morras sem ter vivido!





Concerto de órgão à luz das velas

Neste Domingo, 23 de maio, às 16h00, a igreja da Misericórdia em Torres Vedras acolhe um 'Candlelight concert', em homenagem aos profissionais de saúde, com o organista polaco Norbert Itrich, titular da Catedral de Santander (Espanha), e o Coro Notas D'Alta. Concerto presencial, com reserva, e no Facebook da CM Torres Vedras



ARLINDO HOMEM

JMJ Lisboa 2023

“EM VEZ DE TER MEDO, TENHAM SONHOS”

O cardeal D. José Tolentino Mendonça presidiu à peregrinação internacional de 12 e 13 de maio, em Fátima, e dirigiu-se aos jovens que se preparam para acolher a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Lisboa 2023, desafiando-os a sonhar: “Aos jovens portugueses que se preparam para acolher em 2023 as Jornadas Mundiais da Juventude, eu quero dizer a partir de Fátima: em vez de ter medo, tenham sonhos. Descubram que Deus é aliado dos vossos sonhos mais belos. Ousem sonhar um mundo melhor. Sintam que o futuro depende da qualidade e da consistência dos vossos sonhos”, frisou o cardeal português, no Santuário de Fátima.

‘Ser Solidário’

Entretanto, a Fundação JMJ Lisboa 2023 e a SIBS firmaram uma parceria, de dois anos, que prevê “diversas iniciativas conjuntas até ao decorrer do evento”, e que inicia com a integração da Fundação JMJ no serviço ‘Ser Solidário’, através dos Caixas Multibanco e do serviço MB WAY. Com este acordo, “todos os particulares e empresas que o desejarem podem agora, também por este meio, contribuir para a organização da Jornada Mundial da Juventude”, salienta um comunicado.

Para o secretário-executivo da JMJ Lisboa 2023, é “fundamental” a criação de parcerias para “o impacto que terá este grande encontro internacional de jovens”. “A construção da JMJ só é possível com a colaboração de todos, pelo que nos congratulamos de forma particular com a parceria com a SIBS”, considerou Duarte Ricciardi, citado pela nota de imprensa.

Já o diretor de Marca e Comunicação da SIBS, Joaquim Correia, sublinhou que esta parceria “vem de encontro à missão da SIBS em criar valor para a sociedade”, através do “desenvolvimento e gestão de soluções de pagamento seguras, convenientes e inovadoras”. “É na prossecução desta nossa missão que estamos a apoiar a JMJ neste evento ímpar e de grande ambição. É, pois, um orgulho para a SIBS fazer parte deste encontro mundial que irá ocorrer em Lisboa, disponibilizando desde já uma forma de angariação de fundos simples e rápida para a organização e quem pretender fazer o seu donativo”, salientou.

XI Encontro Cristão, em Sintra

Permanecer (sem distanciamento) no Amor do Pai

O XI Encontro Cristão realizou-se no dia 15 de maio, no Centro Cultural Olga Cadaval, em Sintra, e foi transmitido em direto através de várias plataformas digitais. D. Joaquim Mendes, Bispo Auxiliar de Lisboa, convidou a “amar gratuitamente, amar sem medida”.

O XI Encontro Cristão teve como tema ‘Permanecer n’Ele’, baseado no trecho bíblico ‘Permanecei no meu amor e produzireis muitos frutos’ (João 15, 5-9). “Foi um momento privilegiado de partilha e oração, que teve como protagonistas representantes de várias comunidades e igrejas cristãs”, segundo um comunicado. D. Joaquim Mendes “mostrou as ‘ferramentas’ que o Pai nos dá para permanecermos no seu Amor em tempos tão desafiantes”, explicou a nota, citando o Bispo Auxiliar de Lisboa: “Permanecer em Jesus onde? Em primeiro lugar na Sua Palavra, guardar os seus mandamentos. Em segundo lugar, fazer a sua vontade para viver na corrente que une Jesus ao Pai e Jesus a nós. Em terceiro lugar, amar não com palavras, mas amar com obras e em verdade. Em quarto lugar, amar como Ele nos amou. Jesus mostra-nos como amar, com obras e com verdade. Amar

gratuitamente, amar sem medida”.

Num momento que reforçou o convite à Unidade, o diretor do Departamento das Relações Ecuménicas e do Diálogo Inter-Religioso do Patriarcado de Lisboa, padre Peter Stilwell, convidou



a rezar a oração do Pai-Nosso. “A grande imagem que está por detrás do lema deste tempo de Encontro é a imagem da vinha do Senhor, em que o Pai é o agricultor e há uma videira especial que é Cristo. Uma videira e uns ramos. Quando começamos a pensar nisso, onde começa e acaba a videira, onde começam e acabam os ramos? São uma e a mesma coisa”, referiu o sacerdote.

A encerrar o XI Encontro Cristão, o Presidente da República considerou, numa mensagem vídeo, ser “muito impressionante este esforço ecuménico”. “É um contributo único para a coesão que é cultural, espiritual para poder ser uma coesão social na comunidade portuguesa. A dimensão espiritual, nomeadamente a religiosa, é uma dimensão fundamental na vida da comunidade, foi sempre, é e será, na sua diversidade”, referiu Marcelo Rebelo de Sousa.

fotos por Rotiv, Encontro Cristão



Autoria do padre Carlos Pinto Livro ‘O Altar’ vai ser apresentado na Brotéria

O livro ‘O Altar - Que lugar, que presença?’, da autoria do padre Carlos Pinto, vai ser apresentado na Brotéria, em Lisboa, no dia 25 de maio, terça-feira, às 19h00, num evento com transmissão em direto em www.liturgia.pt. A obra, segundo explicou o autor ao Jornal VOZ DA VERDADE, pretende ajudar “todos” a contemplar o “grande mistério” que o Altar “convoca”, e vai ser apresentada por Paulo Fontes, professor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica, numa sessão moderada pelo padre jesuíta João Norton e que conta com a presença do padre Carlos Pinto, pároco de Almargem do Bispo.

Informações: <http://bit.ly/livro-oaltar>

Restauro da Capela de Santa Eulália

“Atrair pela beleza de Deus”

O Bispo Auxiliar de Lisboa D. Joaquim Mendes deseja que o restauro da Capela de Santa Eulália, em Santo Estêvão das Galés, leve ao encontro com Deus.



“Que o espaço recuperado, mais belo, leve a comunidade a deixar-se atrair pela beleza de Deus, pelo seu amor, e aqui se reúna assiduamente para O louvar e glorificar, oferecendo a todos um testemunho de fé, de comunhão e de fraternidade cristã”, referiu o prelado, no início da celebração, na manhã do passado Domingo, 16 de maio. D. Joaquim Mendes deixou um agradecimento a quantos contribuíram para o restauro do espaço de culto, em particular a Câmara Municipal de Mafra. “A capela testemunha a fé e a devoção dos antepassados. Uma herança que nos leva às vossas raízes e que deveis manter e transmitir, porque não há presente, nem futuro, sem passado”, considerou.

Na sua homilia, o Bispo Auxiliar lembrou ainda Santa Eulália, “virgem e mártir, que viveu no século II”. “Esta jovem de pou-

ca idade, não renunciou a fé em Jesus no meio do sofrimento. Que ela interceda por nós, para que também nós não perçamos a esperança, mas vivamos com a firme certeza de que Cristo ressuscitado está connosco, venceu o sofrimento e a morte, foi à nossa frente e espera-nos para nos associar ao seu triunfo pascal”, desejou.

Após a Missa, teve lugar um breve concerto de música polifónica.



Padre Tiago Neto, diretor do Sector da Catequese de Lisboa, sobre o ministério do catequista

“RECONHECIMENTO DA IMPORTÂNCIA DA MISSÃO DOS CATEQUISTAS”

O diretor do Sector da Catequese de Lisboa considera que a carta apostólica do Papa Francisco que institui o ministério do catequista é “o reconhecimento” do “valor” e da “importância da missão” dos catequistas. Em entrevista ao Jornal VOZ DA VERDADE, o padre Tiago Neto assume que este ministério “não irá ser generalizado a todos os catequistas”, e destaca a importância do “discernimento eclesial” que tem de ser feito.

entrevista por Diogo Paiva Brandão; fotos de arquivo



Na carta apostólica, sob forma de ‘Motu proprio’, ‘Antiquum ministerium’, o Papa Francisco instituiu o ministério de catequista. O que isto significa?

Significa que a Igreja reconhece, oficialmente, aquilo que é o valor e o papel que os catequistas desempenham, ou seja, a importância da sua missão na Igreja. No fundo, acho que há aqui um reconhecimento, e um agradecimento, por parte da Igreja, aos catequistas. Um facto evidenciado, já, em muitos documentos, desde o Concílio Vaticano II, em que aparece esta referência à valorização dos catequistas e do seu ministério na comunidade cristã. O novo diretório, e os diretórios anteriores, no fundo destacaram aquilo que é a importância do catequista e penso que este ministério vem destacar a identidade e a missão do catequista na comunidade cristã como alguém que é chamado para

desempenhar um ministério fundamental naquilo que é o anúncio da fé. Portanto, tem a ver com essa importância que o catequista tem na comunidade cristã e na transmissão da fé.

Em termos práticos, o que vai diferir estes catequistas instituídos dos restantes? O que se espera destes catequistas?

O ministério do catequista não irá ser generalizado a todos os catequistas. Em primeiro lugar, é importante dizer que é um ministério ligado à condição dos leigos no mundo e à tarefa dos leigos naquilo que é a sua missão de evangelização. O Papa Francisco tem valorizado esta dimensão, de que o cristão é, por natureza, missionário e que todo o batizado tem, em si, a capacidade de anunciar o Evangelho. Portanto, tem a ver com a situação do catequista, como leigo, no meio

do mundo e ao serviço da comunidade cristã. Penso que este ministério tem mais a ver com o reconhecimento eclesial do percurso feito por uma pessoa que é catequista, do que propriamente um itinerário para aceder ao ministério. Tem mais a ver com um processo de discernimento eclesial, um processo de discernimento feito no conjunto da comunidade cristã, diocesana e paroquial, mas não vai haver propriamente um itinerário para ser ministro ou para aceder ao ministério. Tem mais a ver com o reconhecimento do percurso feito e a Igreja, no fundo, é capaz de reconhecer naquela pessoa que exerce uma determinada função, seja ela paroquial ou mais diocesana, as qualidades humanas e de estabilidade no ministério que lhe permitem, no fundo, esse reconhecimento como ministro deste serviço.

Nesse sentido, como se vai processar a escolha dos catequistas que vão aceder a este ministério instituído? Será uma escolha do pároco?

Não sei se será uma escolha do pároco... acho que tem que ser uma escolha que envolva diversos intervenientes. Penso que tem de haver um processo de discernimento comunitário, em que interajam diversas entidades, diversas pessoas, nomeadamente o pároco, a comunidade cristã, os serviços diocesanos ligados à catequese e, em primeiro lugar, sempre o Bispo. Tem que haver um processo de discernimento comunitário no global, que permita reconhecer que aquela pessoa, no fundo, é catequista e sempre foi catequista, e a sua presença, como cristã, no mundo, passa pelo exercício da catequese. Portanto, aqui é preciso garantir não só aquilo que é a estabilidade no exercício da catequese, como um percurso formativo e de crescimento humano e espiritual e das suas competências a nível do desempenho da missão de catequista, que permita, no fundo, ver que esta pessoa é catequista. Não basta ser catequista um ou dois anos para aceder a este ministério. É preciso reconhecer que a pessoa foi chamada àquele serviço, e que aquela é uma vocação específica dentro da Igreja e da concretização da sua condição laical de batizado, no meio do mundo, e ao serviço de uma comunidade cristã.

Terá de ser feito um maior investimento na formação dos catequistas que vão ser instituídos?

Penso que tem que ser feito um investimento na formação de todos os catequistas. É na base daquilo que é um processo formativo, em que as pessoas estão envolvidas, em processo de crescimento humano e espiritual, que se virá a reconhecer que essa pessoa pode receber este ministério. Claro que a formação é essencial para todos os catequistas, mas nem todos os catequistas que fazem formação estão



em condições de poderem ser instituídos catequistas. De qualquer modo, faz parte do caminho para esse reconhecimento um processo formativo sério e de envolvimento na paróquia e a nível da diocese. Por isso é que é importante o reconhecimento e o discernimento comunitário para se poder dizer que essa pessoa, no fundo, é catequista.

Na dimensão universal do reconhecimento deste ministério é muito diferente pensarmos naquilo que é a função do catequista em determinados contextos sociais, como em África, por exemplo, onde o catequista tem um papel determinante na organização da comunidade. Muitas vezes, é o catequista que é o líder da comunidade – porque o pároco ou o sacerdote vão muito poucas vezes – e assume um papel muito forte naquilo que é a liderança e a organização da comunidade cristã. Isso é diferente daquilo que é o conceder o ministério em situações como a nossa, em que o catequista tem uma outra função, não tanto na organização comunitária, mas que não quer dizer que não se possa valorizar e conceder esse ministério a catequistas. Mas não será à totalidade dos catequistas.

A Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos vai providenciar a publicação do Rito de Instituição e as Conferências Episcopais vão estabelecer os passos necessários. Quando poderemos então ter os primeiros catequistas instituídos?

Isso, não sabemos... Nós alegramo-nos com este passo, agora é preciso aguardar por aquilo que são as diretrizes da Conferência Episcopal para, no fundo, se poder chegar a esta concretização. Não se trata apenas de realizar um rito por si só – claro que o rito é fundamental e é necessário



O padre Tiago Neto, diretor do Sector da Catequese de Lisboa, com o Cardeal-Patriarca, D. Manuel Clemente, na Assembleia Diocesana de Catequistas na Benedita, em 2018

–, mas trata-se de um outro conjunto de circunstâncias e de avaliação do percurso das pessoas e de critérios. O documento refere esses critérios básicos para se poder eleger alguém para aquilo que é este ministério, mas de facto, em termos práticos, nós não sabemos como é que isso vai ser, nem como é que isso vai ser pensado a nível de Igreja em Portugal.

Considera que esta decisão do Papa Francisco mostra como os catequistas são centrais, hoje em dia, na transmissão da fé?

Sim. A nível mundial, são milhões de pessoas que dedicam grande parte da sua vida ao anúncio da fé. Trata-se de um reconhecimento necessário e legítimo, que peca por tardio. No fundo, é algo que se falava já há algumas décadas. Basta referir

a [exortação apostólica] *Evangelii Nuntiandi*, do Papa Paulo VI, já na década de 70. Portanto, é algo que no fundo peca por tardio, neste sentido. De qualquer modo, é um passo muito importante naquilo que é o reconhecimento da missão dos catequistas junto daqueles que precisam de aceder à fé e daqueles que são evangelizados, tanto a nível de crianças, como de adolescentes ou adultos. O documento faz questão de salientar a importância dos párocos como catequistas, e dos bispos e dos próprios pais, no caso das crianças, mas destaca o papel essencial que tem o catequista, seja ele homem ou mulher, naquilo que é este serviço. Nós sabemos que, nas nossas paróquias, muito daquilo que é o serviço de transmissão da fé e de anúncio da fé está vinculado a ser um serviço específico. Trata-se de um

carisma que terá de ser conhecido, mas terá de ser reconhecido na medida em há estabilidade na função, no exercício dessa missão e, sobretudo, eclesialidade. O catequista tem que ter uma dimensão de pertença à Igreja, não só a Igreja local, mas a Igreja universal. Não se trata apenas de um catequista da paróquia, mas a sua relação com toda a diocese. É importante frisar este ponto.

Claro que estamos ainda numa fase muito incipiente, embrionária, desta questão. Ela será trabalhada nos meios próprios, como refere o *'Motu Proprio'* do Papa, mas, de qualquer modo, alegramo-nos com isso e nós, em Lisboa, certamente teremos muitos bons catequistas a quem o reconhecimento deste ministério será uma mais valia até para a própria vida diocesana e para a construção da Igreja.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL RECORDA “PAPEL CENTRAL” DOS CATEQUISTAS NA TRANSMISSÃO DA FÉ

O presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé considerou que a carta apostólica *'Antiquum ministerium'*, que institui o ministério do catequista, é “um justo reconhecimento da missão” de homens e mulheres comprometidos na transmissão da fé. “Sendo certo que os pais são os primeiros educadores, não deixa de ser evidente o papel central que os catequistas ocuparam e ocupam na transmissão da fé aos mais novos. É bom que a Igreja reconheça, no ministério da palavra, a vocação dos catequistas e que consigne este papel na vida das paróquias”, sublinhou D. António Moiteiro, em declarações à Renascença.

O prelado, que é Bispo de Aveiro, referiu ainda que a carta apostólica que institui o ministério de catequista “vem na linha do [Concílio] Vaticano II” e dos “vários pronunciamentos posteriores, desde o Santo Padre

Paulo VI até ao Santo Padre João Paulo II”. “Os vários pontífices têm deixado claro o papel central dos catequistas no processo de evangelização da Igreja. Este ministério de catequista lança as suas raízes na teologia e na eclesiologia do Concílio Vaticano II e alarga o ministério aos leigos. Já não temos a sua raiz apenas no sacramento da Ordem, mas radica no Batismo e na Confirmação”, acrescentou.

À espera das normas que, “por certo”, a Conferência Episcopal Portuguesa “há de emanar”, o presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé defendeu ainda “critérios formativos para o acesso ao ministério” e um “carácter estável para que ele seja instituído”, admitindo que “nem todos os agentes de catequese estarão em condições de assumir o ministério de catequista”. “O itinerário formativo que iniciá-

mos recentemente, o *'Ser Catequista'*, pode ser ajuda e suporte para ajudar a clarificar quais os critérios para o exercício do ministério de catequista”, apontou.

D. António Moiteiro alegrou-se, ainda, por a Igreja em Portugal ter tido intuições de mudança que vão sendo confirmadas pela Igreja universal. “Em boa hora iniciámos este processo de formação de catequistas e de alteração no modo de transmitir a fé. Esta metodologia que-rigmática vai sendo confirmada com as orientações da Igreja, com o pensamento do Papa e com as necessidades reais da catequese, hoje”, finalizou.





Servindo por Amor

Quando perguntaram a Santa Madre Teresa de Calcutá qual a motivação para o seu trabalho e esforço, ela respondeu: “Precisamos dos olhos de uma fé profunda para ver Cristo nos corpos mutilados e nas roupas sujas.” Este é o centro da identidade da Cáritas Diocesana de Lisboa: procuramos direccionar sempre a nossa ação para acolher, escutar e dar resposta às necessidades das pessoas em situação de maior fragilidade. A nossa natureza está enraizada na ‘cultura do encontro’, indicada pelo Papa Francisco, no início do seu pontificado.

Este encontro com aqueles que são “o retrato de Deus sem moldura”, como dizia Santa Paula Frassinetti, implica uma relação de proximidade, encaminhando e ajudando a construir toda a rede de apoio e, ao mesmo tempo, estando atento às causas. Ou, como nos lembra o Papa Francisco, “é querer viver com o coração de Deus, que não nos pede para ter pelos pobres um amor genérico (...) mas encontrar neles Ele mesmo”, salientando ainda que “não é possível ajudar os pobres, se aproximar dos pobres com distância. É preciso tocar, tocar as chagas.”

Cáritas transformadora

Os gravíssimos problemas socioeconómicos que a pandemia nos trouxe destacam muito este comprometimento em sermos ‘Igreja em saída’. O incessante apelo de ‘sair com Cristo ao encontro de todas as periferias’, que nos move ao encontro da pessoa em situação sem-abrigo, da pessoa idosa isolada, da pessoa migrante, da família em situação de carência extrema, da criança ou jovem em situação de maior vulnerabilidade, de modo a sermos testemunho inequívoco da ternura de Deus.

Uma Cáritas transformadora, onde a competência profissional, que é requisito fundamental, é humanizada. Aliado ao cuidado tecnicamente adequado, as pessoas precisam de relação, de pertença, de inclusão. Precisam de atenção sincera, dedicação e tempo de qualidade. Precisam que cada técnico e cada voluntário, se coloque radicalmente ao serviço e dê um pouco de si mesmo, da sua história, da sua experiência, competências e talentos.

“Somos chamados a encontrar Cristo nelas, a emprestar a nossa voz às suas causas, mas também a ser seus amigos, a ouvi-los, a falar por eles e a aceitar a sabedoria misteriosa que Deus pretende partilhar connosco, através deles.” (Evangeli Gaudium, 198)

Quando nos fazemos próximos, quando

vemos Cristo no outro e o sentimos como irmão, extrapolamos os nossos limites sem acepções ou julgamentos. A proximidade com a pessoa dá-nos a oportunidade de reconhecer a sua riqueza. De passarmos do ‘eles’ para o ‘nós’.

Neste caminho de amor e de serviço, conhecemos histórias de vida muito diferentes, procurando a inclusão e valorização de cada pessoa. Ou, nas palavras de D. José Tolentino Mendonça: “Não temos de ter medo da diferença, mas temos de sentir uma sedução pelo ponto de vista diferente, pelo que olha o mundo a partir de outro humor, outro olhar, de outro conhecimento, porque ganhamos sempre com o encontro, com o conhecimento.”

A pessoa no centro

A Cáritas Diocesana de Lisboa coloca a pessoa no centro do processo de desenvolvimento. Uma resposta humana e abrangente que tem em consideração o bem-estar da pessoa em sete dimensões: social, laboral, ecológica, política, económica, cultural e espiritual. Estas dimen-

sões sustentam uma abordagem que estimula o desenvolvimento integral de cada homem ou mulher.

As linhas de orientação que norteiam a intervenção da CDL passam ainda pela disponibilidade para “*formar, acompanhar, estimular o voluntariado cristão de proximidade*”, como refere o presidente da Cáritas Lisboa, Luís Macieira Frago, salientado ainda a nossa vocação “*a encorajar, a acompanhar e a potenciar*” o trabalho das Paróquias e instituições eclesiais, através da formação e de ações de sensibilização e apoio.

Ou seja, para além da intervenção direta, disseminamos o conhecimento e multiplicamos a resposta da Igreja no terreno, através das Paróquias, Grupos Paroquiais de Ação Social e Centros Paroquiais da Diocese de Lisboa e em articulação com outras entidades, promovendo uma colaboração integradora e potenciando a sua missão.

Quer seja através do Gabinete de Ação Social, do Lar da Bafureira, do Centro Local de Apoio a Integração de Migran-

tes em Cascais ou do programa de capacitação dos agentes sociais na área das migrações (LIGAR), procuramos ter um olhar atento sobre a realidade e um conhecimento aprofundado sobre os problemas sociais e, com base numa reflexão crítica, implementar respostas que não perpetuam dependências, mas promovem a inclusão e valorização de cada um. Como afirma o Santo Padre, devemos “*garantir, de modo eficiente e estável, que todos sejam acompanhados no percurso da sua vida, não apenas para assegurar as suas necessidades básicas, mas para que possam dar o melhor de si mesmos.*” (Fratelli Tutti, 110). Para que ninguém seja excluído ou fique para trás, para que os ‘últimos’ se tornem protagonistas da sua própria vida, a partir da sua própria riqueza.

Em cada vida que tocamos e que nos toca, procuramos ter sempre presente o nosso lema de ‘Fazer bem, o Bem, a quem mais precisa’, respondendo simultaneamente à questão imperativa para todo o cristão: Para que servimos, se não servimos?



As pessoas precisam de relação, de pertença, de inclusão. Gentesfest © Diogo Paiva Brandão (Jornal Voz da Verdade)



“Sair com Cristo ao encontro de todas as periferias.” Caminhada pela Inclusão © CDL



Encontrar-se com os que são “o retrato de Deus sem moldura”. Bairro da Torre, Camarate © CDL



Não basta assegurar necessidades básicas, mas que todos possam dar o melhor de si mesmos. Cáritas Paroquial de Alcobaça © Catarina Reis (O Alcoa)



“Não temos de ter medo da diferença”. Gentesfest © CDL



com **Aura Miguel**
Jornalista da Rádio Renascença,
à conversa com Diogo Paiva Brandão

Roma /09



“Zangar-se com Deus também é rezar”

O Papa Francisco convidou a rezar a oração dos “porquês”, perante os momentos dolorosos da vida. Na semana em que foram publicadas as ‘Orientações pastorais para a celebração da Jornada Mundial da Juventude nas Igrejas particulares’, o Papa rezou por Myanmar e falou de natalidade. Passaram 40 anos do atentado contra João Paulo II.



1. O Papa dedicou a catequese de quarta-feira a três dificuldades que se enfrentam na oração: a distração, a aridez e a acídia, também conhecida como preguiça espiritual. Para as combater, Francisco apelou à perseverança, mesmo no meio das incertezas e agruras. Quando surge a incompreensão ou o desalento e não se percebe onde está Deus, o Papa incentiva ao protesto. “Muitas vezes, protestar diante de Deus também é uma forma de rezar, porque às vezes o filho zanga-se com o pai e é um modo de se relacionar com ele”, referiu, na audiência-geral de 19 de maio, no Pátio São Dâmaso, no Vaticano.

O Santo Padre garante que Deus responde sempre e deixa-nos um conselho. “Não se esqueçam da oração do ‘porquê?’. É a oração que fazem as crianças quando começam a não entender as coisas e os psicólogos chamam-lhe ‘a idade dos porquês’, porque a criança pergunta ao pai: ‘Pai, porquê...? Pai, porquê...?’. Ora, quando nos zangamos um pouco com Deus, estamos a atrair o coração de nosso Pai para a nossa miséria, para a nossa dificuldade, para a nossa vida”, lembrou. “Mesmo nas nossas expressões mais duras e amargas, Ele vai recolhê-las com o amor de um pai, e vai considerá-las como um ato de fé, como uma oração”, acrescentou. Para reforçar o valor da oração, independentemente das circunstâncias do dia a dia, o Santo Padre improvisou várias vezes, com episódios concretos da vida. “Muitas vezes estamos ‘em baixo’. São aqueles dias cinzentos, mas o perigo é ter o coração cinzento. Quando o ‘estar em baixo’ atinge o coração e o põe doente... é terrível. Não se pode avançar com uma aridez espiritual. O coração deve estar

aberto e luminoso, para entrar a luz do Senhor. E se não entra, devemos aguardá-la, com esperança” afirmou o Papa. No final da audiência-geral, Francisco deixou uma saudação aos peregrinos de língua portuguesa. “Nestes dias de preparação para a festa de Pentecostes, peçamos ao Senhor que derrame em nós a abundância dos dons do seu Espírito, para que, firmes na oração, encontremos a força do Alto que nos torna testemunhas de Jesus até os confins da terra. Obrigado”, disse.

2. O Vaticano publicou esta terça-feira, 18 de maio, as ‘Orientações pastorais para a celebração da Jornada Mundial da Juventude nas Igrejas particulares’, com o objetivo de reforçar, a nível local, a importância desta “festa da fé” protagonizada pelos jovens. Desde que o Papa João Paulo II criou as Jornadas Mundial da Juventude (JMJ), em 1985, o ritmo deste evento tem sido trienal e realiza-se sempre num país diferente. Nos anos intermédios, em que não há encontro mundial, cada diocese é autónoma para organizar iniciativas juvenis. Até agora, essa edição local realizava-se no Domingo de Ramos, mas o Papa Francisco alterou a data, por conveniência pastoral, para a Solenidade de Cristo-Rei. O anúncio desta alteração foi feito a 22 de novembro de 2020, no final da Missa em que a delegação portuguesa recebeu, no Vaticano, os símbolos da JMJ. O passo seguinte surgiu agora, com este novo documento do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida. Trata-se de um conjunto de orientações pastorais dirigidas a todas as dioceses do mundo, permitindo assim, a um maior número

de jovens, viver uma experiência local da JMJ. “Alguns jovens, por objetivas dificuldades de estudo, de trabalho ou financeiras não têm a possibilidade de participar nas celebrações internacionais de tais Jornadas, razão pela qual é bom que cada Igreja particular ofereça-lhes também a possibilidade de viver na primeira pessoa, mesmo que em nível local, uma festa da fé, um evento forte de testemunho, de comunhão e de oração análogo às edições internacionais, que marcaram profundamente a existência de tantos jovens nas mais diversas partes do mundo”, lê-se neste documento, que enuncia uma série de pontos principais programáticos que devem nortear as JMJs locais: “festa da fé”, “experiência de Igreja”, “experiência missionária”, “ocasião de discernimento vocacional” e “chamamento à santidade”, como “experiência de peregrinação” e “experiência de fraternidade universal”.

3. Na Missa dirigida à comunidade de fiéis de Myanmar, antiga Birmânia, o Papa Francisco apelou ao fim da violência no país “ferido pela violência, o conflito, a repressão”. Na Basílica de São Pedro, no Domingo, 16 de maio, o Papa desafiou os católicos de Myanmar a “não ceder à lógica do ódio e da vingança, mas a ficar com o olhar voltado para o Deus do amor que nos chama a ser irmãos entre nós”, e assinalou a necessidade de promover a “unidade”, face aos pequenos e grandes conflitos. “Hoje quero depor sobre o altar do Senhor os sofrimentos do vosso povo e rezar convosco para que Deus converta os corações de todos à paz. Que a oração de Jesus nos ajude a guardar a fé, mesmo nos momentos difíceis, a ser construtores

de unidade, a arriscar a vida pela verdade do Evangelho. Por favor, não perca a esperança”, apelou.

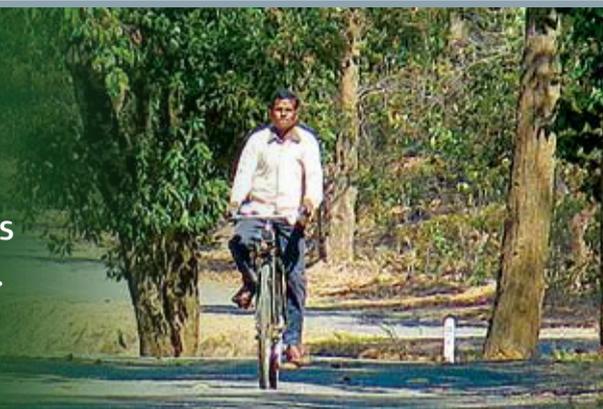
4. O Papa inaugurou um encontro promovido pelo Fórum das Associações Familiares Italianas e alertou que, “para o futuro ser bom, é necessário cuidar das famílias, particularmente das famílias jovens, atormentadas por preocupações que correm o risco de paralisar seus projetos de vida”. “É triste ver mulheres obrigadas a esconderem a barriga no local de trabalho, com medo de que uma gravidez possa resultar em demissão”, lamentou. Francisco considerou “indispensáveis uma política, uma economia, uma informação e uma cultura que promovam corajosamente a natalidade”, e medidas que implicam uma visão ampla, “não apenas baseada na procura de consensos imediatos, mas no crescimento do bem comum a longo prazo”.

5. O antigo secretário de São João Paulo II celebrou Missa no altar do túmulo do Papa polaco, na Basílica de São Pedro, no dia 13 de maio, por ocasião dos 40 anos do atentado. “Confesso que até hoje sinto o seu corpo escorregar para os meus braços, com o sangue a escorrer pela sua batina branca e a manchar as minhas mãos e roupa. E também posso ouvir a sua oração constantemente repetida, com voz débil, ‘Maria, minha Mãe, Maria minha Mãe’. Como é difícil esquecer o ruído dos disparos da pistola daquele homem que, num instante, podia ter acabado com o extraordinário pontificado que começava a florescer sob a força do Espírito Santo”, testemunhou o cardeal Stanislaw Dziwisz.

Viagem até à aldeia de Binia, no norte da Índia, ao encontro de Leos Tirkey

O catequista de bicicleta

O Papa Francisco instituiu o “ministério do catequista”, destacando o trabalho que milhares de homens e mulheres realizam em todo o mundo na transmissão e aprofundamento da fé. Leos Tirkey é um deles. Vive numa zona profundamente pobre no norte da Índia. Leos foi um dos mais de 18 mil catequistas apoiados pela Fundação AIS só no ano passado...



A casa onde mora diz quase tudo sobre a região. Na verdade, é apenas um casebre. A aldeia não é mais do que meia dúzia de habitações de paredes de barro e telhados de colmo. A meio da aldeia há um pequeno fontanário. Tem uma manivela para bombear a água. Todos os que moram em Binia fazem esse caminho várias vezes ao dia. A água do fontanário serve para tudo. Para beber, cozinhar, para os banhos. Para tudo. Leos Tirkey vive numa modesta casa com a mulher e três filhos. A vida é difícil para todos na aldeia. Leos é catequista. A sua vontade de servir a comunidade levou-o a assumir esta missão. É sempre com indisfarçável orgulho que prepara a bicicleta para se fazer ao caminho. A bicicleta é o seu luxo. O único luxo. Por ali, naquela região norte da Índia, a maior parte da população vive do trabalho agrícola. É por caminhos áspers que Leos conduz a sua bicicleta, sinal de algum estatuto numa zona onde os campos parecem ter sido transformados em espelhos de água e onde se cultiva o arroz. Sempre que se faz ao caminho para dar “aulas de catequese”, como costuma dizer, Leos cruza-se com pessoas curvadas sobre

os campos, quase imóveis, com as pernas dentro de água, num trabalho duro, rotineiro e que mal dá para sobreviver. “Dou aulas de catequese em três aldeias”, diz, antes de subir uma vez mais para a bicicleta. As aldeias não ficam muito longe. A mais distante está a apenas 15 km.

“As pessoas ficam contentes...”

“Quando vou às aldeias, levo no meu saco a Bíblia, um livro de orações, um livro de cânticos, um terço e algumas mudas de roupa...” A bicicleta é a única companhia. Os caminhos são quase imperceptíveis. Ele conduz a bicicleta por imaginárias veredas, por vezes mesmo junto à borda dos campos de arroz, numa viagem sempre solitária. “Se tiver um furo no pneu, tenho de ir a pé, mas fico agradecido quando a bicicleta funciona...”

Quando chega às aldeias, alguém chama o povo batendo num pedaço de metal, como se fosse um improvisado sino. “As pessoas ficam sempre contentes por me ver...” Os cristãos reúnem-se em volta de Leos que estende em cima de uma mesa os seus livros e um crucifixo. “Ser catequista sempre

me deu imensa alegria”, diz, reconhecendo que o seu trabalho é estimado por ali, apesar de os Cristãos serem uma das mais pequenas comunidades religiosas da Índia. As aulas de catequese de Leos Tirkey são essenciais. “Oriento as celebrações e os momentos de oração e preparo as pessoas para a Missa de Domingo. Preparo também as pessoas para a Comunhão, para a Confissão e para os outros sacramentos.”

Uma missão muito especial

É difícil imaginar como seria a vida da pequena comunidade cristã nesta região norte da Índia sem a generosidade de pessoas como Leos Tirkey. Na sua pobreza, ele consegue tirar o tempo necessário para ajudar famílias que estão empenhadas, como ele, em fazer um percurso de fé que por vezes é mesmo muito exigente. A começar pela desconfiança com que os Cristãos são olhados normalmente nas zonas rurais, mais pobres e iletradas. O serviço dos catequistas à Igreja ficou agora ainda mais sublinhado pelo Papa Francisco. Com a publicação de uma carta apostólica (*Motu Proprio*) em que institui o “ministério do

catequista”, o Santo Padre reafirma a missão destes homens e mulheres como uma necessidade urgente para a evangelização do mundo contemporâneo. Leos Tirkey é apenas um dos 18.389 catequistas que a Fundação AIS apoiou durante o ano passado, nomeadamente para a aquisição de material didático para o trabalho pastoral e catequético, mas também através de cursos de formação e apoio para meios de transporte. O regresso de Leos a casa é sempre um tempo feliz. Se a bicicleta não tiver nenhum furo, a viagem até parece mais rápida. Além da Bíblia, do livro de orações, do terço e do crucifixo que transporta na sacola e que é a sua única bagagem, o catequista Leos traz sempre a memória de sorrisos, do afecto das pessoas e da certeza de que o seu trabalho é mesmo importante. “Dou a conhecer Deus às pessoas...” Haverá missão mais importante do que essa?

texto por Paulo Aido,
Fundação Ajuda à Igreja que Sofre

www.fundacao-ais.pt | 217 544 000



“Ser catequista sempre me deu imensa alegria”, diz Leos Tirkey.



“Quando vou às aldeias, levo no meu saco a Bíblia, um livro de orações, um livro de cânticos, um terço e algumas mudas de roupa...”

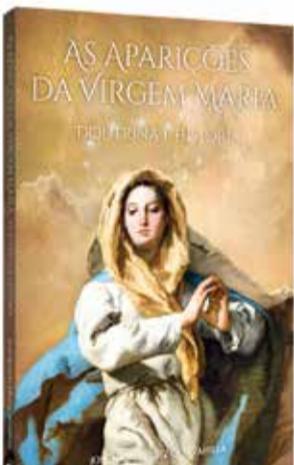


“Dou a conhecer Deus às pessoas...” Haverá missão mais importante do que essa?

SUGESTÃO CULTURAL

As Aparições da Virgem Maria

A Fundação AIS publicou o livro 'As Aparições da Virgem Maria: Doutrina e História', da autoria de José Manuel Díez Quintanilla, para "ajudar a todos a conhecer e a amar mais a nossa Mãe, A Virgem Maria". "Esta publicação agrupa as nove aparições mais importantes da história até à atualidade, e fortalece-nos no amor da Virgem Maria pelos seus filhos e na liberdade concedida para crer ou não crer nelas", frisa a sinopse. As nove aparições: Nossa Senhora do Pilar - Saragoça Espanha; Nossa Senhora Guadalupe - Tepeyac, México; Nossa Senhora da Medalha Milagrosa - Paris, França; Nossa Senhora de La Salette - La Salette, França; Nossa Senhora de Lourdes - Lourdes, França; Nossa Senhora da Esperança - Pontmain, França; Nossa Senhora de Fátima - Cova da Iria, Portugal; Mãe de Deus - Beauraing, Bélgica; Nossa Senhora dos Pobres - Banneux, Bélgica.



À PROCURA DA PALAVRA

DOMINGO DE PENTECOSTES ANO B

"Viram então aparecer uma espécie de línguas de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles."
Act 2, 3



pele P. Vítor Gonçalves

As flores dos jacarandás

Confesso a minha paixão pelos jacarandás de Lisboa,
que explodem em flores por esta altura do Pentecostes,
(ainda que alguns, irreverentes, o façam em tempos inesperados...),
e peço desde já perdão por compará-los às línguas de fogo,
do amor que nunca se apaga e da vida que venceu a morte,
poisadas sobre cada um dos amigos de Jesus naquela primeira Páscoa.

Com que palavras se conta e canta este fogo?
Que não é vermelho nem laranja,
mas roxo, lilás, violeta, púrpura, magenta, anil,
carmim e até índigo...
e torna azuis os olhos de quem se deixa incendiar?
Da flor à inflorescência,
das inflorescências à árvore,
de cada uma ao conjunto,
o pouco se torna muito,
e com solenidade e espanto
desce o céu à nossa terra.

Para o entendimento das línguas é preciso o banho da beleza,
olhos que escutam e ouvidos que vêm,
braços e mãos que se estendem,
sorrisos que nenhuma máscara pode ocultar,
todos no mesmo lugar, unidos e tão diferentes,
como uma flor é diferente da outra,
abertos, expectantes, disponíveis.
Viver à pressa é passar ao lado e não ir ter a lugar nenhum.

A subtilíssima explosão dos jacarandás, no Rossio, ao Marquês, na 24 de Julho,
por entre os prédios ou num pequeno jardim,
é surpreendente como o Espírito Santo, a abrasar a alma, a unir contrários,
a acender a luz, a animar e a consolar... e a tudo o mais que nos eleva e desinstala.
Podem as suas flores sujar as ruas, pintalgar os carros e dar trabalho aos varredores,
mas ficar indiferente ao seu grito de que o céu já habita dentro de nós,
é recusar viver de coração ardente. E não é que o roxo também é quente?

SANTÍSSIMA TRINDADE (30 DE MAIO)

USO LITÚRGICO	CÂNTICO	COMPOSITOR	FONTE
Entrada	Bendito seja Deus Pai	M. Carneiro	¹
Entrada / Ofertório	Bendito seja Deus Pai	C. Silva	CN 248 / CEC II 161
Ofertório	Pai, Filho, Espírito Santo	A. Cartageno	CN 793 / CEC II 162
Comunhão	Porque somos filhos de Deus	A. Cartageno	CN 815
Comunhão	Recebestes um Espírito	C. Silva	CN 855 / CEC II 163
Comunhão / Pós Comunhão	Guardai-nos unidos, Trindade Santíssima	M. Luís	CAC 435
Pós Comunhão / Entrada	Glória ao Pai que nos criou	C. Silva	CN 510 / OCoc 143
Final	Glória a Ti, Jesus Cristo	C. Silva	CN 507 / OCoc 142

¹ <http://bit.ly/Bendito-seja-Deus-Pai>





Tweets da Semana

“Rezemos incessantemente para que israelitas e palestinianos possam encontrar o caminho do diálogo e do perdão. Rezemos pelas vítimas, em particular pelas crianças; rezemos pela paz.”

16 de maio

“Nesta festa da #Ascensão, ao contemplarmos o Céu, onde Cristo ascendeu e está sentado à direita do Pai, peçamos a Maria, Rainha do Céu, que nos ajude a sermos no mundo testemunhas corajosas do Ressuscitado, nas situações concretas da vida.”

16 de maio

Papa Francisco @Pontifex_pt



“A #Ascensão de Jesus Cristo significa que Ele está com o Pai e, por isso, está conosco, em toda a parte, como um impulso constante e com um espírito permanente de evangelização, como anúncio da vitória sobre a morte.”

16 de maio

D. Manuel Clemente @patriarcalisboa



PODCAST

O podcast do Jornal
VOZ DA VERDADE,
que pode ouvir em
<https://leigosquecontam.podbean.com>



Editorial

TEMOS SEMPRE RAZÃO?

P. Nuno Rosário Fernandes, diretor
p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt



Não! Não temos sempre razão. Por mais que isso nos possa custar, nós não temos sempre razão, não estamos sempre certos, e a nossa opinião ou ideia sobre as coisas não é sempre a mais correta. Podemos pensar que somos, muitas vezes, os melhores, e por isso colocamo-nos no alto da montanha para que todos nos possam ver, admirar, e até seguir. Podemos ter gestos contra corrente que são chamariz para outros públicos, que até os apelidamos de periferias, mas depois corremos o risco de lhes dar a nossa visão sobre as coisas, o nosso pensar, esquecendo-nos que, enquanto batizados, cristãos, católicos, somos chamados a dar Jesus vivo, o ressuscitado que ainda não foi descoberto em tantas vidas.

Na pregação que São Paulo fazia às comunidades pagãs, o Jesus que lhes apresentava não era aquele facilitador, ‘cool’, porreiro, que dizia o que os outros queriam ouvir para que O seguissem; Paulo apresentava um Jesus que sofreu, que convidava a deixar tudo para O seguir, vivendo o amor numa

entrega total, ao ponto de morrer na cruz, e ressuscitar para se fazer presente, vivo no meio de nós, e de nos dar a possibilidade da conversão de vida, experimentando a misericórdia de Deus, e assim uma vida nova.

Muitas vezes, na vida, queremos tudo muito fácil; queremos ouvir o que nos dá mais jeito, de acordo com o que pensamos, defendemos; e estamos em tempo em que queremos impor aos outros a nossa visão sobre as coisas, as nossas vontades e desejos e que os outros vivam até como nós; a fé cristã é sempre uma proposta livre, de li-

berdade, para a liberdade, que convida a uma adesão livre, sem imposição. Há outras ideologias que nos querem impor e quase que obrigar a seguir, e provavelmente, não seremos normais se as não defendermos ou praticarmos, porque são apresentadas como as certas, ou como a razão a seguir. Mas a própria pregação de Jesus veio trazer controvérsia, desentendimento, inimigos. Por isso, ela, hoje, não é algo do passado, mas muito atual e presente, para a construção de um mundo melhor. Um mundo, não como eu o quero, mas como Deus quer.

“Muitas vezes, na vida, queremos tudo muito fácil; queremos ouvir o que nos dá mais jeito, de acordo com o que pensamos, defendemos; (...) a fé cristã é sempre uma proposta livre, de liberdade, para a liberdade, que convida a uma adesão livre, sem imposição.”

FICHA TÉCNICA

Registo n.º 100277 (DGCS) - Depósito legal: 137400/99; Propriedade: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Gerência: Francisco José Tito Espinheira, Joaquim Daniel Vieira Loureiro e Maria Teresa Alves Vieira Novo; Capital Social: 100.000 euros - Seminário Maior de Cristo Rei (95%) e Patriarcado de Lisboa (5%); NIPC: 500881626; Editor: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Tiragem: 5300 exemplares; Diretor: P. Nuno Rosário Fernandes (p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt); Site: www.vozdaverdade.org; Redação: Diogo Paiva Brandão (diogopb@patriarcado-lisboa.pt), Filipe Teixeira (filipeteixeira@patriarcado-lisboa.pt); Colaboradores regulares: Aura Miguel, P. Vítor Gonçalves; Fotografia: Arlindo Homem, Filipe Amorim, Luís Moreira; Opinião: António Bagão Félix, A. Pereira Caldas, Guilherme d'Oliveira Martins, Isilda Pegado, José Luís Nunes Martins, P. Alexandre Palma, P. Duarte da Cunha, P. Gonçalo Portocarrero de Almada, P. Manuel Barbosa, P. Nuno Amador, Pedro Vaz Patto; Colaboração: Cáritas Diocesana de Lisboa, Departamento de Liturgia, Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, FEC - Fundação Fé e Cooperação, Setor de Animação Vocacional, Setor da Pastoral Familiar, Serviço da Juventude, Comissão Justiça e Paz dos Religiosos; Design Gráfico e Paginação: Divide by Two, Lda - www.dividebytwo.pt | office@dividebytwo.pt; Pré-impressão e impressão: Empresa do Diário do Minho, Lda. - Rua de São Brás, 1, Gualtar, 4710-073 Braga - comercial@diariodominho.pt - Tel: 253303170; Distribuição: Urgentissimo Transportes, Lda. (Enviália) - Rua Luís Vaz Camões, s/n, Zona Industrial Arenas, 2560-684 Torres Vedras - Tel: 261323474; Sede do Editor e Sede da Redação: Mosteiro de São Vicente de Fora - Campo de Santa Clara 1100-472 Lisboa - vozverdade@patriarcado-lisboa.pt; Serviços Administrativos: Sara Nunes, de 2ª a 6ª-feira, das 9h00 às 16h00, Tel: 218810556, Fax: 218810555, saranunes@patriarcado-lisboa.pt.



Voz da Verdade

ASSINE JÁ!

Faça a sua assinatura e receba o jornal, em sua casa, durante um ano.

Faça hoje mesmo a sua assinatura, escolhendo uma das seguintes opções:



218 810 556
2ª a 6ª feira, entre as 9h00 e as 16h00



saranunes@patriarcado-lisboa.pt
Envie um email com os seus dados



Preencha, destaque e envie o cupão

Complete a assinatura fazendo o pagamento através do NIB 001800003724403600184, cheque ou vale postal, à ordem de Nova Terra, Empresa Editorial, Lda. O envio do comprovativo ou do meio de pagamento deverá ser feito para Nova Terra Empresa Editorial, Lda. Mosteiro de São Vicente Fora - Campo de Santa Clara - 1100-472 Lisboa; fax: 218 810 555; email: saranunes@patriarcado-lisboa.pt

Nome _____

Morada _____

Código postal _____ - _____ Telefone _____

Email _____ NIF _____ N.º Assinante _____

Assinatura anual: Individual (20 €) Benfeitor (25 €) Benemérito (30 €)